

“ME DEIXE VOAR”: A ANIMAÇÃO *FLOAT* (2019) E DISCUSSÕES SOBRE GÊNERO, CULTURA VISUAL E INFÂNCIAS

Kauane Moraes Bernardo (PIBIC/CNPq/FA/UEM), João Paulo Baliscai (Orientador),
e-mail: kauanebernardo@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes/Maringá, PR.

Área e sub-área do conhecimento conforme tabela do [CNPq/CAPES](#)
80310001 EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

Palavras-chave: Infância, Gênero, Cultura Visual.

Resumo:

Através da animação *Float* (2019), um curta-metragem produzido pela Pixar e distribuído pela Disney, somos motivados/as a pensar sobre os fatores que padronizam comportamentos a partir da noção de “normalidade”. A ideia de normalidade tem sido relacionada ao masculino, à branquitude, à jovialidade, à heterossexualidade, à cisgeneridade e à religião cristã, dentre outros marcadores identitários. Como as crianças que não se enquadram nessas condições acerca de “normalidade” são tratadas pelos/as demais? Para respondermos essa pergunta, objetivamos analisar representações circuladas em artefatos da cultura visual, que contemplem temáticas afetas às diferenças e às infâncias. Para tanto, elaboramos uma pesquisa a partir dos Estudos de Gênero e Estudos da Cultura Visual. Nela, produzimos uma apresentação de aspectos teóricos sobre os campos de estudos, uma contextualização histórica sobre como as opressões de gênero têm atuado na produção de corpos, desde as infâncias e, por último, uma análise do curta-metragem *Float* (2019).

Introdução

Observando o entorno da vida infantil, podemos perceber fatores determinantes e taxativos que padronizam comportamentos de bebês e crianças a partir de referenciais restritos de masculinidades e feminilidades. Exemplificamos essa prática recorrendo a personagens de desenhos animados conhecidos que são voltados ao público infantil. As Princesas da Disney, por exemplo, são consideradas símbolos de feminilidade e demonstram, de certa forma, como as meninas devem se portar e se caracterizar. Os super-heróis, semelhantemente, demonstram, como devem ser exercidas as masculinidades, assim como os comportamentos que os meninos não devem assumir para que não sejam lidos como femininos. Personagens como estes chegam às crianças a todo momento, seja através de imagens televisivas e cinematográficas ou mesmo através de brinquedos, roupas e embalagens de produtos alimentícios. Estão presentes em espaços domésticos e familiares, nas

referências midiáticas e mesmo nas escolas, onde podemos observar os materiais, recursos didáticos e decorações abarrotados por imagens e figuras que tentam atingir os/as alunos/as. Na escola, as referências acerca de infâncias e de “normalidade” tendem a se expandir, sobretudo, quando as imagens, as informações e as vivências oportunizadas pelos/as professores/as e pelas demais crianças são diferentes daquelas já oferecidas pelo núcleo familiar. É na escola que as crianças podem ter acesso a outras referências de cultura e saber, por exemplo, que há outras religiões, outras raças e etnias, outros valores morais, outros corpos e outras configurações familiares para além daquelas que lhes foram apresentadas pelos/as seus/suas familiares. Também, com o passar dos anos, símbolos antigos perdem suas forças e dão espaços a novos. Com isso, no que diz respeito à ideia de “normalidade”, as sociedades e culturas manifestam avanços e retrocessos no quesito inclusão. Na perspectiva de dar visibilidade ao tema de crianças que não se enquadram nos padrões estabelecidos, no ano de 2019, a Walt Disney Studios Motion Pictures produziu e lançou um curta-metragem de animação, o mesmo que será analisado nesta pesquisa. O curta foi dirigido e escrito por Bobby Rubio, pai de uma criança autista, e produzido pela Pixar Animation Studios, denominado *Float* (2019). O mesmo, cujo título pode ser traduzido para o português como “Flutuar”, conta a história de uma criança considerada diferente das demais. Essa diferença se dá pelo fato de que esta criança flutua.

Materiais e Métodos

A partir da pesquisa de Louro (2003), verificamos que os Estudos de Gênero se preocupam com como os gêneros têm sido definidos, distinguidos e tratados dentro de diferentes culturas ao longo dos anos e, qual tem sido o peso social que isso implica sobre os corpos que os carregam. As pesquisas elaboradas a partir desse referencial teórico argumentam que, através dos anos, têm sido propostos padrões acerca da “normalidade” sobre gênero e indicam que os corpos que se divergem desses padrões sofrem preconceitos. Apesar disso, esses corpos não deixam de fazer parte das sociedades em que estão inseridos e, então, os Estudos de Gênero defendem a necessidade de revisão dessas normas e padrões preestabelecidos.

Os Estudos da Cultura Visual, por sua vez, conforme destaca Luciana Borre (2010), têm como principal discussão as culturas em seus aspectos visuais. Tratando assuntos acerca de racismo, política, gênero, raça, etnia e pós-colonialismo, como destaca a autora, esse campo dá visibilidade para identidades que têm sido oprimidas e violentadas pela hegemonia cultural. Argumentam que o binarismo que, ainda hoje, tenta distinguir as culturas, classificando-as como alta e baixa ou erudita e popular não é algo justo. Destacam, pois, a necessidade da elaboração de estudos, artefatos, práticas e políticas públicas que minem as hierarquias em que, historicamente, os grupos têm sido ordenados.

No que diz respeito à análise das imagens de *Float* (2019) recorreremos ao conjunto denominado Problematizando Visualidades e Questionando Estereótipos - PROVOQUE (BALISCEI, 2020). O PROVOQUE se preocupa em como as imagens têm sido lidas e, assim, sugere ações analíticas específicas, com ênfase nos estereótipos, para docentes, pesquisadores/as, alunos/as e demais sujeitos. Estas

ações são promovidas a partir de cinco etapas, sendo elas: flertando, percebendo, estranhando, dialogando e compartilhando.

Estruturalmente, organizamos a pesquisa em três capítulos, com o primeiro deles intitulado *Os Estudos da Cultura Visual*. Trata-se de uma apresentação dos aspectos teórico-metodológicos dos Estudos da Cultura Visual. No segundo capítulo, intitulado *Cultura Visual e a padronização de gêneros na infância*, apresentamos uma contextualização histórica sobre como as opressões de gênero têm atuado na produção de corpos, dando ênfase para a generificação das infâncias. E, por último, no terceiro capítulo, intitulado *Análise de Float (2019)*, realizamos a análise do curta-metragem *Float (2019)*, a partir do PROVOQUE (BALISCEI, 2020), um conjunto de procedimentos fundamentados nos Estudos da Cultura Visual.

Resultados e Discussão

Por considerarmos que esta diferença pode ser tratada como uma metáfora para a não heterossexualidade, examinamos os papéis masculinos assumidos pelo pai, alternadamente, durante a animação. Observando as personagens de *Float (2019)*, mais especificamente a personagem do pai, notamos que ele assume diferentes posturas quanto à masculinidade e à paternidade. Primeiro, no início da animação, ele se difere de muitas das exigências que, socialmente, costumam ser feitas aos homens. Contudo, o comportamento do pai se altera quando outras personagens adultas começam a julgá-los.

Diante de um estudo em que se sinaliza certa permissividade aos meninos no que diz respeito à obediência de regras que, por sua vez, são cobradas com rigor às meninas, (ADICHIE, 2017) podemos nos questionar: porque essa perspectiva de que os meninos devem explorar o mundo e conquistar espaços se altera quando tratamos de uma criança dissidente, como o menino-flutuante na animação? Como podemos observar na trama de *Float (2019)*, o menino, impedido de voar é, dali por diante e a todo momento, segurado pelo pai para que ele não se distancie daquilo que é estipulado à normalidade. Nossa interpretação é a de que, quando se trata de uma criança que foge dos padrões estabelecidos pela sociedade, como aqueles exigidos a partir do sexo biológico - para ele, os padrões de masculinidade -, ela sofre uma rejeição até que seja “ensinada” – e muitas vezes forçada – a ajustar seu comportamento à norma vigente. A isso acrescentamos que as adequações cobradas às crianças não se referem apenas às questões de gênero e sexualidade, mas também atravessam as identidades e diferenças etnico-raciais, de classe, de religião, de configurações familiares e de padrões de beleza que remetem à magreza, por exemplo.

Conclusões

Ao pensar nas problemáticas da vida infantil, podemos pensar nos tratamentos que recebemos e continuamos (ou não) propiciando às crianças, percebendo quais avanços desenvolvemos e quais ainda precisamos desenvolver para o alcance de mais igualdade e respeito. Afinal, se as crianças que se mostram diferentes do

“normal” continuarem a receber o tratamento que a criança de *Float* (2019) recebeu durante grande parte da animação, como será sua vivência na fase adulta da vida? E das demais crianças não-flutuantes que são ensinadas direta ou indiretamente a não espeitar as diferenças? Acreditamos que notícias e pesquisas que demonstram a liderança do Brasil no ranking de assassinatos de pessoas da comunidade LGBTTTQIA+ nos ajudam a ter uma perspectiva de resposta para estes questionamentos.

Agradecimentos

Ressaltamos a importância e agradecemos ao Grupo de Pesquisa em Arte Educação e Imagem - ARTEI para a realização desta pesquisa. No ARTEI pesquisamos, lemos e debatemos sobre temáticas ligadas aos Estudos da Cultura Visual, Estudos de Gênero, Educação Infantil e leitura de imagens. Poder ler, observar, ouvir e participar de debates e palestras sobre produções com temáticas semelhantes às da pesquisa que aqui sistematizo foi positivamente relevante para a minha vivência como pesquisadora. Ainda, no ano de 2021, recebi o convite para participar do III Ciclo de debates do ARTEI, onde tive a oportunidade de compartilhar esta pesquisa, na época ainda em desenvolvimento. Na ocasião, pude ouvir os comentários dos/as participantes acerca do meu objeto de pesquisa, o que fora muito produtivo, ajudando-me a aprimorar minha fala em público e a pensar pontos de meu trabalho, trazendo, inclusive, outros modos de ver a animação que analisamos nesta pesquisa. Meses depois, essa mesma discussão, em uma versão mais aprofundada, fora publicada, como artigo, na Revista Práticas de Linguagem da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) sob o título *A animação Float (2019) e expressões de gênero e sexualidade na infância: “me deixe voar” como metáfora para “me deixe ser LGBTTTQIA+”* (BERNARDO e BALISCEI, 2022).

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: Um manifesto. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BALISCEI, João Paulo. **Provoque**: cultura visual, masculinidades e ensino de artes visuais / João Paulo Baliscei.- 1.ed. - Rio de Janeiro: Metanoia, 2020.
- BERNARDO, Kauane Moraes; BALISCEI, João Paulo. A animação *Float* (2019) e expressões de gênero e sexualidade na infância: “me deixe voar” como metáfora para “me deixe ser LGBTTTQIA+”. **Revista Práticas de Linguagem**, Juiz de Fora, n.1. p.204-221, 2022.
- BORRE, Luciana. **As Imagens que invadem as salas de aula**: reflexões sobre cultura visual / Luciana Borre - Aparecida, SP; Idéias Et Letras, 2010.
- FLOAT. Direção: Bobby Rubio. Produção: Pixar Animation Studios. Estados Unidos: Walt Disney Studios Motion Pictures, 2019. Youtube (7:18 min), son., color.
- LOURO, Guacira Lopes. Corpos que escapam. **Estudos feministas**. Brasília, n. 4. ago.- dez. de 2003. Disponível em <<http://www.unb.br/ih/his/gefem>>. Acesso em fev. 2021.